

História da sexualidade e antropofagia¹

History of sexuality and cannibalism

Resumo

Esse texto apresenta e avalia as relações entre antropofagia e sexualidade na Grécia Antiga a partir da História da sexualidade de Michel Foucault, em diálogo e contraste com os trabalhos dos helenistas Jean-Pierre Vernant e Marcel Detienne. O texto procura explorar as perguntas que podemos fazer, hoje, acerca das relações entre antropofagia e sexualidade, para além do reconhecimento da potência do vocabulário da devoração como metáfora para falar do sexo. Trata-se de pensar, na esteira das teses dos helenistas franceses, a associação dos interditos do canibalismo e do incesto enquanto limites dos liames socais, indicando, em suas incidências nos mitos e discursos filosóficos, o forte elo de ligação entre os códigos sexuais e alimentares, para além da busca do equilíbrio do corpo e da alma.

Palavras-chave: História da sexualidade; Foucault; antropofagia; Grécia Antiga.

1 Agradeço a Franklim Drumond de Almeida, Humberto Giancristofaro, Rodrigo Hin e Yuri Menezes pelas contribuições ao desenvolvimento das ideias aqui apresentadas.

* Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). filcepps@gmail.com

Recebido em: 22/02/2026	Aceito em: 01/07/2026
-------------------------	-----------------------

Abstract

This text presents and evaluates the relationship between anthropophagy and sexuality in Ancient Greece based on Michel Foucault's History of Sexuality, in dialogue and contrast with the works of Hellenists Jean-Pierre Vernant and Marcel Detienne. The text seeks to explore the questions we can ask today about the relationship between anthropophagy and sexuality, beyond recognizing the power of the vocabulary of devouring as a metaphor for talking about sex. It involves thinking, following the French Hellenists thesis, the relationships of prohibitions of cannibalism and incest as limits of social bonds, indicating, in their incidences in myths and philosophical discourses, the strong link between sexual and dietary codes, beyond the search for balance between body and soul.

Keywords: History of sexuality; Foucault; cannibalism; Ancient Greek.

Apresentação: quatro advertências iniciais

1. *História da sexualidade e antropofagia*?! Quem quer que conheça os quatro volumes da obra de Michel Foucault deve reagir com estranheza ao título, uma vez que o tema da antropofagia quase não figura nesse trabalho de longo fôlego, que durou cerca de uma década.² Um dos objetivos aqui é, precisamente, avaliar algumas implicações dessa ausência. Afinal, após a leitura dos trabalhos de Marcel Détienne, Jean-Pierre Vernant e Pierre Vidal-Naquet em torno do tema da antropofagia na Grécia antiga, parece impossível ignorar esse tema quando da análise de concepções e experiências dos gregos no que diz respeito ao excesso sexual ou a intemperança.³ Os mitos gregos, o orfismo e seitas como as dos pitagóricos e cínicos não indicam, à exaustão, uma

2 Cf. "Advertência" de Frédéric Gros na *História da sexualidade*, vol.4 (FOUCAULT 2021).

3 Esses textos dos helenistas vieram à luz praticamente nos mesmos anos em que Foucault trabalhava nos três últimos volumes de sua *História da Sexualidade*. Ver "A caça e o sacrifício na 'Orestia' de Ésquilo", de Vidal-Naquet (1977), publicado pela primeira vez, em francês, em 1972; *Dionysos mis à mort* (1977), de Detienne, e *La cuisine du sacrifice en pays grec* (1979), com textos de Detienne, Vernant e outros autores. Esses dois últimos livros reúnem textos publicados em revistas em anos anteriores, sendo improvável que Foucault não conhecesse alguns deles, embora talvez tivesse bom motivos para ignorá-los, afinal, seus interesses maiores eram o uso dos prazeres e o cuidado de si e não as relações entre sexualidade, misoginia, violência, morte e sacrifício.

íntima conexão entre a antropofagia e a questão do excesso sexual? Longe de insinuar uma crítica ao trabalho de Foucault, essa pergunta, ao contrário, traduz a relevância de colocar lado a lado as pesquisas dos helenistas estruturalistas e a *História da sexualidade*, quando se trata de pensar antropofagia e sexualidade, e é exatamente o que pretendo fazer nesse texto: quando nos aventuramos no denso universo dos quatro volumes da *História da sexualidade*, em contato ou contraste com as questões formuladas pelos helenistas, tal exercício talvez nos ajude a compreender melhor as perguntas que podemos e devemos fazer, hoje, acerca das relações entre antropofagia e sexualidade, na Antiguidade e além.

2. Isso não significa, obviamente, deixar de reconhecer eventuais problemas ou limites presentes na *História da sexualidade*. Mas esse não é, em definitivo, meu objetivo. Se eventualmente neles tropeço, todo meu esforço é o de compreender-lhes a importância. Tal advertência poderia parecer desnecessária. Não seria essa a essência de toda a leitura de textos que nos interessam? Não é próprio de nossa lida concentrar-nos sobretudo naqueles problemas que valerm a pena, literalmente? No caso de Foucault, todo cuidado é pouco. Muitos de seus críticos recaem quase sempre num “tudo ou nada”, numa espécie de tentativa de “desmascarar um embuste”, um “farsante”, sobretudo hoje, quando essas críticas são realizadas por autores de “inspiração analítica” (enquanto esteve vivo, seus adversários mais contundentes eram marxistas e psicanalistas). Algo equivalente vale para autores como Derrida e Deleuze. Talvez a principal explicação para essa tara das desqualificações grosseiras esteja no fato de que tais autores pertençam, na história do pensamento ocidental, a um seletivo grupo que nos ajuda a praticar a filosofia como algo radicalmente diferente de um insuportável tribunal, vale dizer, um tribunal sempre pronto a pontificar sobre qual a maneira “mais correta” de filosofar.

3. Mas qual seria, enfim, o propósito de se pensar de modo articulado antropofagia e sexualidade? Vale dizer, para além da dimensão polêmica das teses de Detienne, Vernant e Vidal-Naquet, que opunham uma análise estrutural a leituras históricas e impressionistas de temas como sexualidade e antropofagia, e para além dos questionamentos que essas teses eventualmente trazem aos textos de Foucault, o interesse pelas relações entre esses dois temas poderia parecer reduzir-se, à primeira vista, à exploração de um campo metafórico já bastante gasto: aos modos como a relação sexual foi expressa, através dos tempos, pela via do vocabulário alimentar. Ensaando breve resposta, incapaz de fazer

justiça à complexidade do problema, trata-se de explicitar e analisar alguns impensados dessa “metáfora gasta”, tendo como pano de fundo (totalmente virtual nesse texto) sua contraposição às cosmoapreensões ameríndias, em tudo associadas à antropofagia,⁴ e os questionamentos que essas cosmoapreensões trazem ao exercício “eurocêntrico” da filosofia⁵ — sobretudo quando pensamos em uma de suas apropriações mais radicais: a filosofia antropofágica de Oswald de Andrade, sua defesa do matriarcado e crítica ao patriarcado.⁶

4. Finalmente, vale chamar a atenção para o uso do termo “antropofagia”. Geralmente, reservo esse termo para referir-me a práticas rituais indígenas (e para a filosofia de Oswald de Andrade), e utilizo o termo “canibalismo” em sentido mais amplo, como manducação de um ser por um membro da mesma espécie. Alguns autores fazem exatamente o oposto, levando em consideração que “canibal” é uma invenção colonial, termo utilizado por Colombo para referir-se às “práticas selvagens” dos indígenas do “Novo Mundo”. Entretanto, “canibalismo” tornou-se, pelo uso, sinônimo de manducação de um ser por um membro da mesma espécie: alelofagia. Ele há muito não guarda a especificidade das práticas antropófagas ameríndias. Nesse sentido, falamos de porcos e louva-deuses que praticam o canibalismo. Por sua vez, o termo “antropofagia” passou a ser utilizado para referir-se, de modo geral, à “devoração do ser humano por outro ser humano” e aos rituais indígenas como o dos tupinambás, em particular. Seria possível dizer, contudo, que a maioria dos autores utiliza os dois termos como sinônimos e farei o mesmo nesse texto, uma vez que as distinções acima não interferem no que será apresentado a seguir.

Antropofagia e sexualidade na Grécia antiga

Detienne (1998) chamou a atenção para o fato de a antropofagia ser um tema “crítico” na Antiguidade. Ele comparece ali onde os gregos posicionam-se criticamente contra atos e hábitos, sexuais e alimentares, e isso, basicamente,

4 No que diz respeito à relação entre antropofagia e sexualidade entre os povos originários, é suficiente conferir os relatos compilados por Middlin (2014).

5 Escrevo “eurocêntrico” entre aspas porque parte das retóricas antropofágicas do Ocidente que iremos considerar tem lugar em contextos nos quais “a Europa” sequer existia — problema que tem tudo a ver com as (des)continuidades de “uma história da sexualidade”, levando em conta as próprias advertências de Foucault acerca da natureza de sua pesquisa.

6 Cf. Ceppas (2024).

de duas maneiras. A primeira, mais usual, acontece em mitos em que cenas canibais são apresentadas como punição a excessos sexuais, estupros, adultérios e incesto: o estupro de Filomena por Tereu; o adultério de Aérope com Tieste, irmão de seu marido Atreu; ou o adultério de Zeus com Sêmele, cuja consequência é o nascimento de Dioniso. A segunda maneira, mais enviesada, surge nas críticas que órficos, pitagóricos, cínicos e seguidores de Dioniso dirigem aos hábitos ordinários de alimentação dos gregos, que constituem preceitos inalienáveis da religião oficial da pólis, envolvendo o sacrifício diário dos animais domésticos e interditos com relação ao consumo de outros animais, como aqueles provenientes da caça. Os dois momentos críticos estão intimamente relacionados. Dizer hábito alimentar é referir-se às práticas sacrificiais cotidianas reguladas pelo culto aos deuses. A crítica a esse estado de coisas se serve de certos aspectos da sexualidade, em especial feminina, contidos nos próprios mitos. Como escreve Vidal-Naquet:

De um lado e de outro do altar sobre o qual se realiza o sacrifício “olímpico” repartem-se habitantes do céu e hóspedes da terra, segundo o mito narrado por Hesíodo, “nos tempos em que deuses e homens em Mecone acertaram suas contas” [Teogonia, 535]. Para uns vão os ossos e a fumaça, e para outros a carne cozida. O mito de Prometeu está estritamente vinculado ao de Pandora: a posse do fogo necessário à refeição do sacrifício (isto é, no plano do mito, à refeição simplesmente) tem por contrapartida, nascida de Zeus, “a raça, a geração maldita das mulheres”, e a devorante sexualidade [idem, 590-611]. Assim é traçado o destino dos homens da idade de ferro, este lavrador, que só os trabalhos dos campos podem salvar. (Vidal-Naquet, 1977, p.115, tradução modificada)

Hesíodo, após mencionar essa “funesta geração e grei das mulheres” (na tradução de Jaa Torrano), as compara às abelhas. Não à toa. Esse animal aparece como elemento central em um grupo de “mitos antropofágicos”, como os de Tereu e de Polytechnos (ou Zeto, em português). Detienne argumenta que tais mitos têm como ponto de partida uma lua de mel excessiva (Detienne, 1998, p.137), sendo que o erro inicial, tanto de Tereu como de Polytechnos, teria sido o de:

...chafurdar por tempo demais no mel ou de o haver ingerido em excesso — para retomar as expressões usadas pelos gregos quando eles falam da lua de mel e do prazer que os jovens casados proporcionam um ao outro. Pois

os mitos de Tereu e Polytchenos contam simplesmente como um mal uso do mel transforma esse alimento em seu contrário, em excremento ou podridão, transformação que é mediada por uma fase de alelofagia que outros mitos do mesmo grupo definem como o estado anterior à descoberta do mel, contando como os homens se comiam entre eles até o momento em que as Mulheres-Abelhas os ensinaram a se nutrir do mel colhido nas florestas. (idem, p.138)

Tais referências são suficientes para indicar a íntima relação entre antropofagia, sacrifício e sexualidade nos mitos. Entretanto, para o que se segue, é preciso destacar, ainda, um aspecto das críticas que as seitas órficas e dionisiacas, assim como pitagóricas e cínicas, dirigem aos hábitos da pólis, utilizando-se de mitos com elementos comuns. Trata-se, desde essas perspectivas, de criticar os hábitos alimentares e sexuais da pólis como pertencendo ao âmbito do excesso e do canibalismo, numa recusa, por parte dessas seitas, da cidade e de seus valores, nas palavras de Detienne (1998, p.139). Se Foucault parece ter razão ao demonstrar exaustivamente que, no universo greco-romano, não havia qualquer preocupação em abordar as práticas sexuais fora das dimensões dietéticas, econômicas ou eróticas dos usos dos prazeres, nem muito menos de legislar sobre elas, e que a questão da moderação dos prazeres era sobretudo tematizada por e direcionada aos homens; os helenistas estruturalistas demonstram que as críticas vindas dos universos alternativos do orfismo, do culto a Dioniso, do pitagorismo e do cinismo explicitam, pela sua radicalidade, dimensões normativas e repressoras da vivência da sexualidade na Antiguidade, em especial a feminina; dimensões incapazes de garantir a saúde e a harmonia da *alma* e da cidade. Vale dizer, a não tematização do que é ou não permitido em termos de práticas sexuais não se daria por uma ausência de normatividade e repressão, mas porque estas estariam antes suficientemente bem codificadas, assentadas, implícitas. E seriam precisamente essas seitas que recusam a cidade e seus valores que mais radicalmente traduziriam tal legalidade implícita, denunciando sua insuficiência, quando não seu contrassenso.

Quando analisamos a sexualidade na Antiguidade, diz Foucault no segundo volume da *História da sexualidade (O uso dos prazeres)*:

Estamos bem longe de uma forma de austeridade que tenda a sujeitar todos os indivíduos da mesma forma, os mais orgulhosos como os mais humildes, sob uma lei universal, da qual apenas a aplicação poderia ser modulada pela instauração de uma casuística. Ao contrário, tudo aqui é questão de ajustamento, de circunstância, de posição pessoal. As poucas grandes leis

comuns — da cidade, da religião ou da natureza — permanecem presentes, mas como se elas desenhasssem ao longe um círculo bem largo no interior do qual o pensamento prático deve definir o que convém fazer. (2007, p.58-59)

Essa parece ser, sem dúvida, uma faceta importante dos discursos filosóficos e medicinais voltados ao homem livre, e Foucault os analisa quase sempre em comparação ao universo cristão. Mas, se é correto dizer que concepções e costumes gregos no que diz respeito à sexualidade feminina não se explicitam total ou reiteradamente em leis e casuísticas, é verdade também que a mulher está, em uma ampla variedade de discursos, marcada pelo signo da misoginia, da atribuição de uma promiscuidade latente, de uma constante ameaça aos homens, promiscuidade e ameaça que devem ser o tempo todo tematizadas, denunciadas, criticadas, expurgadas, exorcizadas. O que nos interessa, aqui, entretanto, não é tanto a especificidade do discurso sobre a sexualidade feminina na Grécia antiga e as possíveis críticas que, a partir de uma tal especificidade, se poderia fazer ao trabalho de Foucault,⁷ e sim as aproximações inevitáveis entre antropofagia, sexualidade e misoginia na Antiguidade que podemos reconhecer a partir daí.

Limites sexuais e antropófagos

Em função dos objetivos desse texto, vou me referir, inicialmente, apenas ao cinismo, que tematiza de modo mais direto a proximidade entre sexo e canibalismo.

...o cinismo é uma forma de pensamento que ataca a sociedade como um todo. Sobre o plano teórico e na ação cotidiana, os cínicos desenvolvem um verdadeiro questionamento não apenas da cidade, mas da sociedade e da civilização. Seu protesto é uma crítica generalizada ao estado civilizado (...). Crítica que surgiu no século IV ac. com a crise da cidade, e que tem o retorno ao estado selvagem como um de seus temas mais proeminentes.

⁷ Sobre esse tema, há uma vasta bibliografia, em que se poderia destacar a obra pioneira de Nicole Loraux e suas críticas a Foucault (em *Les expériences de Tirésias*, Paris: Gallimard, 1990), valendo citar, ainda, um pequeno, excelente e mais recente artigo de Anne Carson, “Desejo e sujeira: ensaio sobre a fenomenologia da poluição feminina na antiguidade” (em *Sobre aquilo em que eu mais penso*, São Paulo: editora 34, 2023), que nos interessa em especial pela tematização da questão dos limites.

(...) O dionisismo se joga de corpo inteiro na selvageria, procurando nela a posse, o contato com o sobrenatural. No cinismo, o enfoque é totalmente diferente: entra-se na selvageria às avessas; nela descemos progressivamente, por etapas sucessivas. De imediato, comendo cru e condenando o fogo; em seguida, enunciando duas reivindicações fundamentais: a abolição da proibição do incesto e a prática do endocanibalismo. Todas as duas são formuladas por Diógenes de Sinope. A primeira sobre um modo irônico: por que Édipo lamenta-se tão violentamente de ser ao mesmo tempo pai e irmão de suas crianças, e de ser ao mesmo tempo o marido e o filho da mesma mulher? Os galos, os cachorros e os burros não fazem tanto barulho, nem mesmo os persas. Quanto à segunda reivindicação, Diógenes não se contentou com exprimi-la discretamente, fazendo notar que mais de uma sociedade não se interdita provar a carne humana; diz-se que ele próprio teria “ensinado as crianças a empurrar seus pais e suas mães até o altar do sacrifício e a comê-los até o último pedaço”. Incesto, parricídio e canibalismo: os grandes interditos são descartados. (Detienne, 1998, p.153-154)

Não cabe entrar aqui na análise das implicações que Detienne extrai dessas “heresias” cínicas,⁸ nem muito menos dos pressupostos estruturalistas que guiam seu trabalho. O que nos importa é a conexão da dupla recusa dos interditos sexuais e alimentares com a própria ideia de uma destruição da cidade e o retorno ao estado selvagem.

Dessa perspectiva, é possível avançar duas hipóteses. Em primeiro lugar, a hipótese mais banal é a de que os gregos sempre constituíram uma sociedade como outra qualquer, desde um ponto de vista antropológico, vale dizer: uma sociedade em que relações entre regras de trocas sexuais, tabus alimentares e mitos constituem o centro e a garantia da coesão social — e se Diógenes consegue tão bem ironizá-las é porque, como diz Detienne, essa coesão está em crise.⁹ Em que medida essa constatação antropológica meio óbvia problematiza ou não a tese de Foucault de que é o “uso dos prazeres” — em oposição a uma preocupação com qualquer dimensão “jurídica” ou coercitiva dos atos sexuais — o que está no centro da concepção greco-romana sobre a sexualidade é uma questão que aqui não nos compete (valendo lembrar que, com

8 Como a ideia de que os cínicos estariam “afirmando os direitos do indivíduo, face à sociedade e contra toda forma de civilização”. (Detienne, 1998, p.155)

9 E talvez não exatamente porque apenas “intelectuais” (supostamente desconectados da vida real) poderiam formulá-las, como o próprio Detienne sugere.

relação à questão do incesto, a *História da sexualidade* se apresentou como uma espécie de derradeiro tanque de guerra utilizado por Foucault contra Freud e a psicanálise, vale dizer, contra qualquer princípio a-histórico para pensar a sexualidade).¹⁰

A segunda hipótese, corolário da primeira, é a de que, por assim dizer, o código sexual e o código alimentar não eram somente (ou não eram exatamente) duas ordens de preocupações paralelas, relativas à saúde da alma e do corpo, que obtiveram mais ou menos atenção conforme o período histórico (tal como o próprio Foucault adverte no vol.3, *O cuidado de si*, na sessão “O regime dos prazeres”, em capítulo dedicado ao corpo). Estando intimamente conectados interditos sexuais e costumes alimentares, o canibalismo, por tudo o que as análises dos estruturalistas franceses deixam entrever, seria certamente mais do que apenas uma metáfora crítica e extrema à “ordem da cidade”, como que “paralela” à crítica à interdição do incesto. Os interditos do canibalismo e do incesto estão associados enquanto limites dos liames sociais, indicando, em suas incidências nos mitos e discursos filosóficos, o forte elo de ligação entre os códigos sexuais e alimentares, para além da busca do equilíbrio do corpo e da alma.

A título de conclusão...

Como um reforço a essa ideia, vale mencionar as teses de Jean-Claude Milner:

A incorporação (...) pode ser assim apresentada: o corpo físico acolhe como uma de suas partes essenciais a coisa que não é ele. Lei de hospitalidade na physis. Deste modo o beber e o comer são o horizonte do prazer antigo, mas no beber e no comer antigos, a substância ingerida permanece essencialmente distinta. Do mesmo modo que não se espera do estrangeiro, tratado como hóspede, que ele renuncie à sua natureza de estrangeiro, do mesmo modo que a chuva derramada na terra árida a humedece sem nunca deixar de ser água da chuva... (Milner, 1997, p.28)

O ato sexual tem como horizonte último uma incorporação impossível. Milner se apoia em Platão e Lucrécio, mas sobretudo na física deste último: tudo é

10 Ver, em especial, « Le jeu de Michel Foucault » (entretien avec D. Colas, A. Grosrichard, G. Le Gaufey, J. Livi, G. Miller, J. Miller, J.-A. Miller, C. Millot, G. Wajeman), *Omicar?*, *Bulletin périodique du champ freudien*, n° 10, juillet 1977, pp. 62-93, in *Dits et Écrits* (FOUCAULT, 1994, p.206 ss).

combinação de corpos. A atração sexual, tal como a fome e a sede, advém da dinâmica da comunicação dos corpos; mas sua agitação se dá pela ação dos simulacros. A atração do amor é uma atração do “líquido seminal” em direção à imagem que o agita. O amado não é senão a causa de uma agitação corporal impossível de ser contida, impossível de ser aplacada:

Há sempre uma esperança de que o corpo, que é origem do furor, possa ele próprio extinguir a chama. No entanto, a natureza é inteiramente contra isso: é o amor o único objeto que, quanto mais possuímos, tanto mais incendeia o nosso peito com terríveis desejos. De fato, a comida e a bebida são levadas para o interior do corpo e, como podem ficar alojadas em lugares determinados, é fácil satisfazer o desejo de líquidos e frutos. Mas, realmente, duma face humana e duma linda cor nada vem ao corpo, para que ele goze, senão frágeis simulacros; esperança miserável que muitas vezes é levada ao vento. (Lucrécio, Da Natureza, Livro IV, 1086-1096 — 1985, p.93)

O ato sexual, portanto, é a encenação de uma incorporação, devoração, penetração impossível. A violência do ato sexual tem, em última instância, a devoração e o aniquilamento como horizonte. Proscrita a devoração, que seja para preservar a existência mesma da comunidade, a *philia* vem em socorro da coesão social. Na antiguidade, a *philia*, segundo Milner, vem compensar a impossibilidade de unir amor, prazer e ato sexual (e, poderíamos acrescentar, a recusa de constituir as relações sociais e humanas a partir da violência da devoração e, por isso mesmo, canibalismo e incesto aparecem como as imagens centrais do rompimento dos liames sociais).¹¹ Para os antigos, “...o ato sexual, como tal, não é um prazer.” Ele é da ordem da violência, como insinua Lucrécio. Milner complementa: “ele é como o impossível do prazer. Não há e não poderia haver prazer sexual” (Milner, 1997, p.38-39):

...a amizade antiga não é uma variante atenuada do amor; ela é a salvação do mundo — da cadeia dourada que sustenta o mundo pelos elos da philia e da beleza. Daí também a vontade de que existam prazeres em torno do ato sexual. Mas esse é precisamente o ponto: se existem, eles dizem respeito apenas às preliminares — essencialmente os encontros que precedem e preparam o ato, numa imitação consciente da lei de hospitalidade.

11 Sobre isso, ver a crítica platônica ao tirano, na *República* (571c e 919b-c), como aquele que comete incesto e devora a carne de seus filhos (cf. Detienne 1998, p.144).

Resumindo, a philia termina onde começa o coito. Mas ela pode identificar, cercar, limitar, restringir exteriormente o instante irremediavelmente bárbaro. (Milner, 1997, p.39)

Claro, Foucault se coloca como antípoda desse lacanismo projetado por Milner no Mundo Antigo. Na realidade, ele se antecipa a essa perspectiva que consiste em ver uma total separação entre considerações sobre o sexo (em especial no casamento) e o uso dos prazeres (ver a sessão “A sabedoria no casamento”, do vol.2, *O uso dos prazeres*, p.134). Por outro lado, parece de fato problemático que Foucault, em toda a sua *História da sexualidade*, faça deslizar os sentidos de prazer erótico e sexo como se fossem sinônimos. Mas o que nos interessa com essa referência a Milner é, antes de mais nada e tão somente, reforçar a tese de que o canibalismo no Mundo Antigo seria bem mais do que apenas uma metáfora no debate acerca das relações entre prazer, sexo e costumes alimentares. Ele é parte de uma estrutura de representações que obedece a costumes e liames mais ou menos tácitos de dominação e repressão, incluindo os tabus sexuais.

Referências

- CEPPAS, Filipe. Oswald de Andrade's anthropophagic philosophy as a critique of Western cannibalism. In Marcelo de Mello Rangel; Rafael Haddock-Lobo. (Org.). *Brazilian Popular Philosophy*. 1ed. Toledo: Instituto Quero Saber, 2024, v. 1, p. 191-228. <https://www.institutoquerosaber.org/editora120>
- DETIENNE, M. *Dionysos mis à mort*, Paris: Gallimard, 1977.
- DETIENNE, M; VERNANT, J.P; *La cuisine du sacrifice en pays grec*, Paris: Gallimard, 1979.
- DETIENNE, M. *Dionysos mis à mort*, ParisL Gallimard, 1998.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. Vol.4 As confissões da carne*, São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. Vol.3 O cuidado de si*, São Paulo: Graal, 2002
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade. Vol.2 O uso dos prazeres*, São Paulo: Graal, 2007.
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits 1954-1988, vol. III*, Paris: Gallimard, 1994.
- LUCRÉCIO. *Da natureza, Os pensadores*, São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- MIDLIN, B. *Moqueca de maridos. Mitos eróticos indígenas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- MILNER, J-C., *Le triple du plaisir*, Paris, Verdier, 1997
- VIDAL-NAQUET, P. “A caça e o sacrifício na ‘Orestia’ de Ésquilo”, in VERNANT, J.P; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*, São Paulo: Duas Cidades, 1977.